

DISPOSITIVO CARTOGRÁFICO NA SALA DE AULA E A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

David dos Santos da Conceição
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
davidgeopro@gmail.com

RESUMO

A partir da atuação docente em uma escola pública no município de Macaé (RJ), realizamos um estudo que envolveu uma aula-oficina para uma turma de Ensino Fundamental de 7º ano em 2022. As atividades propostas serviram para produzir imagens na forma de desenhos pelos estudantes que integraram a composição de painéis para formar um atlas feito por eles. Atlas de imagens tal como nos estudos de Didi-Huberman (2018) que apresentam a potência imaginativa que a montagem de imagens pode ter para nos mostrar outros mundos possíveis. No trabalho com os atlas elaborados pelos alunos nesta direção, ressaltamos que eles enquanto dispositivos acionaram dois entendimentos a respeito do termo: um que coloca o dispositivo dentro da lógica que opera o poder e outro que o reconhece como dispositivo cartográfico. A compreensão desses dois caminhos nos conduziu a abertura que possibilitou discutir a diversidade do pensamento e a educação geográfica para questionar padrões e metodologias repetitivas já arraigadas nos currículos escolares, além de colocar em evidência a produção e visibilidade dos materiais elaborados pelos estudantes a partir das suas imaginações sobre as relações que permeiam o mundo.

Palavras Chave: Lugar; Atlas; Educação geográfica; Dispositivo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho que apresentamos agora é derivado de uma pesquisa de mestrado concluída em julho de 2023 na qual pensar sobre o conceito de dispositivo nos ajudou na produção dos materiais bem como na interpretação e discussão acerca do lugar.

As imagens trabalhadas em conjunto na forma de um atlas foi nossa aposta e foram responsáveis pela potência da pesquisa, contribuindo para pensarmos em outros materiais que se tornassem dispositivos enquanto pista para nos ajudar a perceber de que maneira uma imaginação sobre o mundo está sendo pensada e como pode afetar nossa vida.

Propusemos uma aula-oficina em novembro de 2022 com uma turma de 7º ano de uma escola pública de Macaé (RJ) na qual sou regente de turma para nossos encaminhamentos analíticos. A prática consistiu na elaboração e montagem de painéis que formaram um atlas produzido pelos estudantes.

Não trabalhamos com o entendimento tradicional de atlas escolar que comporta diversos mapas de diferentes regiões e países, mas aquele similar proposto por Aby Warburg¹ na produção Atlas Mnemosyne no início do século XX, citado por Didi-Huberman (2018) na obra “Atlas, ou, O gaio saber inquieto”. Um atlas de imagens diversas com essa inspiração,

¹Aby Warburg, pesquisador e historiador da arte, foi precursor de uma cultura visual em sua obra que trabalhava as imagens de modo a tirá-las da ordem estável em que eram comumente apresentadas.

produzido em todas as suas etapas pelos estudantes, desde a imaginação inicial, o desenho, a colagem e respectiva montagem, a arrumação e visualização na sala de aula e o debate.

Foi proposto aos estudantes que elaborassem desenhos na forma de imagens que pudessem apresentar seus saberes e pensamentos que refletissem aquilo que eles considerassem ser o melhor jeito de falar, o que significavam os lugares e sua relação com o mundo. Aqui ao invés de usar a fala ou a escrita para explicarem seus pontos de vista era necessário comunicar-se com uma imagem. Procuramos por aquilo que pudesse mobilizar e ser o disparador das imaginações a fim de acionar a criatividade com base no conceito de dispositivo.

A intenção era mobilizar o pensamento para dar passagem às imagens produzidas na imaginação sobre o mundo no encontro com a realização da tarefa em sala de aula e a sua potência para questionar padrões pré-estabelecidos na escola e refletir com a educação geográfica.

DESENVOLVIMENTO

No transcurso da pesquisa nos apropriamos da acepção de dispositivo por dois caminhos: um mais geral no que concerne à práxis na educação geográfica tendo como referência a concepção política do termo, presente em Foucault (2021) em que o conhecimento nunca é uma verdade absoluta, mas conduz a heterotopias²; e outro que funcionou na prática como mobilizador do encontro nosso com os estudantes e com as descobertas que se seguiram (dispositivo cartográfico).

Primeiro, procuramos escapar do discurso único. Reafirmamos a partir de outros olhares em que a educação geográfica pode se constituir, que podemos pensar o lugar e o mundo enquanto aberto a diferença com múltiplas possibilidades. Educação geográfica como dispositivo que aciona a reflexão no campo da teoria e da prática de educadores como heterotopias abertas que deslocam o lugar de seu centro estável e homogêneo para um ilimitado exercício do pensamento sobre a escola, a rua, a cidade, o mundo e seus pressupostos.

Para Foucault (2021) o dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder e ligado a uma configuração de conhecimento que dele resulta e o influencia. Constituindo assim: “[...] estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles [...]” (Foucault, 2021, p. 238).

Na conceitualização de Foucault, estas são estratégias de relações de poder que apoiam e são apoiadas por tipos de conhecimento. Foucault mostra que o funcionamento do dispositivo integra as relações de força e visa orientá-las em uma determinada direção, ou mesmo bloqueá-las e estabilizá-las. Por exemplo, o confronto dos discursos pode levar, através de sua contestação, à desarticulação, modificação ou mesmo derrota de um dispositivo e à produção de outros. Isto nos afetou na processualidade da pesquisa, perceber que a

² Heterotopias propostas por Foucault como lugares de diferenciação, que varia escapando daquilo que se quer controlar, que não é homogeneização, mas sim abertura.

educação geográfica se forma como um dispositivo político que orienta outros dispositivos que acionem outras formas de olhar, pensar e conhecer os lugares, formas que relativizem os dispositivos hegemônicos e deem passagem ao encontro com a descoberta do diferente, do que é múltiplo.

Por outro lado, Girardi e Soares (2016), afirmam que o dispositivo pode ter a característica de um tipo de formação, cuja função principal é ser uma resposta a uma urgência de um determinado momento histórico. Neste sentido, um dispositivo pode ser definido como certo tipo de gênese, de princípio, de ponto de partida. Os autores colocam que o mapeamento – em nosso caso a produção do atlas – entendido enquanto dispositivo e não no seu sentido tradicional da cartografia científica, responde a urgência dos tempos atuais. É de acordo com esse entendimento que direcionamos nosso trabalho com a composição dos atlas na sala de aula destacando a cartografia afetiva (Pereira, 2016) urgente nos dias de hoje, para se constituir enquanto caminho para mapeamento do que não é regular, ou seja, do que pode variar.

As metodologias de ensino padronizadas por um determinado modelo de geografia escolar não contemplam os dispositivos cartográficos que permeiam as discussões da educação geográfica com a qual trabalhamos. Educação geográfica para além da sala de aula, mas para a descoberta da urgência que temos da coexistência coletiva em variados modos de vida. Construindo por dentro dos enquadramentos institucionais encontradas na escola, dispositivos que acionem o pensamento para outras margens, podemos contribuir na educação geográfica para visualizarmos outras histórias. Daí decorre o que imaginamos na pesquisa que foi o trabalho com o atlas como dispositivo cartográfico (figura 1).

Figura 1 – Estudantes elaborando as imagens que compuseram o atlas



Fonte: Arquivo do autor.

Dispor as imagens de modo aleatório sem um ordenamento pré-definido, mas tentando agrupá-las de modo que pudéssemos ver alguma história que, pela produção coletiva, fosse de todos os envolvidos foi o que combinamos (figura 2).

Figura 2 – Colagens na montagem do atlas



Fonte: Arquivo do autor.

A atividade nos sinalizou que entrou em movimento a ideia de que juntos podemos fazer muitas coisas criativas e o que o futuro é esta abertura neste momento mobilizado no processo de criação do atlas. É uma possibilidade criativa de composição que dá lugar a diferentes formas de expressão para novos sentidos.

CONCLUSÃO

Neste momento consoante a reflexão acerca da potência que a cartografia na produção de dispositivos pode revelar enquanto abordagem teórica de análise para a educação escolar é que ela não fecha o entendimento e tampouco as práticas nos lugares. Entendida como possibilidade processual para a imaginação sobre o mundo, esta cartografia afetiva nos faz pensar na multiplicidade dos diversos lugares, pessoas e objetos que se encontram para questionar padrões já constituídos e consagrados na sociedade os quais nos acostumamos e que ainda se fazem presentes na escola.

Por fim, temos o que um(a) aluno(a) – os textos não foram identificados nominalmente - escreveu em um segundo momento, após ter participado da composição dos atlas, que pode nos ajudar na compreensão sobre o papel dos dispositivos cartográficos:

A experiência foi ótima, pois deu para mim [sic] refletir bastante e as coisas que eu fui fazendo e foi me dando mais ideias mas [sic] não tinha espaço. Bom, o que eu

aprendi foi que o mundo não tem nada a ver com o que eu penso e muitas pessoas pensam como eu.

Percebemos no texto acima que o dispositivo pode ser fundamental como ferramenta de fazer falar, dar passagem ao que se pensa quando o(a) aluno(a) diz que “o mundo não tem nada a ver com o que eu penso e muitas pessoas pensam como eu”. O que foi de fato esse pensar? Como se pensou e o que se pensou?

O(a) aluno(a) encerra a escrita e não dá continuidade ao texto para responder essas questões, talvez por timidez ou receio de receber alguma repreensão. É neste momento que o dispositivo pode agir criando situações em que os estudantes se sintam confortáveis para contar suas histórias e descobertas que não se enquadram naquilo que já está arraigado. O dispositivo pode acionar uma “mudança de orientação” (Kastrup; Barros, 2020, p. 79), longe do eterno para o novo. O novo não como modismos, mas criatividade que varia de acordo com os dispositivos.

Assim, cada dispositivo pode ser definido pelo que é novo e criativo sobre ele, é o que marca ao mesmo tempo sua capacidade de se transformar ou de se dividir imediatamente em favor de um dispositivo futuro.

A produção dos nossos dispositivos e a mobilização daquilo que ele pode afetar, tal como mencionado no texto do(a) aluno(a), põem em movimento esse coletivo materializado nos painéis, mobilizando na educação geográfica o trabalho, não para criar a dicotomia entre aqueles que sabem e os que, supostamente não sabem. Ou em outras palavras entre vencedores e vencidos, mas para um saber e um modo de vida em que todos sejam realmente relevantes.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, L. P. de.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

DIDI-HUBERMAN, G. **Atlas, ou, O gaio saber inquieto**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GIRARDI, G.; SOARES, P. Construção de um problema de pesquisa sobre o mapeamento como dispositivo. **Olhares & Trilhas**, [s. l.], v. 17, n. 2, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/article/view/35035>. Acesso em: 20 jul. 2022.

PEREIRA, J. C. **Cartografias afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.